



## UM VISIONÁRIO OUSADO

HOMILIA NA EUCARISTIA DO 100º ANIVERSÁRIO DE MANUEL GONÇALVES

21 Outubro 2014 – Igreja Paroquial de S. Cosme do Vale – 18h30

Recordar uma personalidade famalicense que, pelo trabalho e pelo espírito de iniciativa, entrou nos patamares dos grandes industriais do país reclama de todos nós um apelo à gratidão e à memória. Interpela-nos e responsabiliza-nos ainda na árdua tarefa de construir um mundo à medida das aspirações da humanidade e onde todo o Homem é capaz de usufruir do essencial para uma vida digna.

**Memória e gratidão** pelo testemunho que Manuel Gonçalves legou e que jamais poderá ser esquecido. A sua ousadia e coragem para criar do nada uma empresa de referência mundial deve alimentar o nosso espírito de modo, a também nós, acreditarmos nos nossos talentos e capacidades. Recordar é aceitar que não nos satisfaz a situação presente. O ser humano foi feito para crescer e, como tal, nunca deve satisfazer-se com as metas alcançadas. **Recordemos e conservemos** o seu testemunho, reconhecendo que diariamente podemos fazer mais e melhor.

Aceitando o seu testemunho, somos animados a arrear novos caminhos, tal como ele o fez. Recordo, a este propósito, um pequeno texto do Concílio Vaticano II que inspirou o Programa Pastoral da Arquidiocese de Braga para este ano. “A finalidade fundamental da produção – diz o Concílio – não é o mero aumento dos produtos, nem o lucro ou o poderio, **mas o serviço ao homem**; do homem **integral**, isto é, tendo em conta a ordem das suas necessidades materiais e as exigências da sua vida intelectual e religiosa; de qualquer homem ou grupo de homens, de qualquer raça ou região do mundo” (*Gaudium et Spes* 64).

Uma economia que silencia o Homem é uma economia estéril. E se alguma existe, deve ser denunciada. Sentimos falta de vozes proféticas no mundo da economia. Vozes autorizadas. Vozes que, pela fé, se inspiram nas realidades sobrenaturais para elevar o Homem acima de qualquer critério utilitarista.

Todos nós aspiramos a um mundo sem desigualdades escandalosas; um mundo onde o trabalho é um direito universal e o desenvolvimento económico está ao serviço do ser humano. Creio que todos os economistas subscrevem estas afirmações. Falta, todavia, uma concretização pragmática. Pequenos passos, alianças estratégicas e visões partilhadas devem unir-se na ousada construção de uma sociedade esculpida pela fraternidade. Ser irmão – no sentido cristão do termo – é a reinvenção da filiação sanguínea segundo o critério da corresponsabilidade activa.



No mundo laboral, alguns são patrões e outros operários. Distinção de papéis não pode significar oposição. Se todos acreditarem que estão ao serviço de um bem comum – como é o sucesso de uma empresa – aos poucos os comportamentos transformam-se e o bem do outros nutre a minha própria felicidade.

O evangelho desta eucaristia comemorativa do centenário natalício de um empresário ímpar na ousadia e exemplo de **generosidade na doação** a pessoas e causas eclesiais e civis recorda-nos que a maior felicidade está em considerar-se servo vigilante em todas as horas. Até na ingrata hora da meia-noite.

Ser “servo” todos o são. Mas ser “servo vigilante” está ao alcance só dos mais sonhadores. *Vigilante* é alguém que pensa no sentido do seu trabalho e “vigia”, isto é, **toma conta** dos seus irmãos; **partilha**, segundo as suas possibilidades, com as instituições e as pessoas necessitadas; **inspira** um mundo melhor.

As leituras apresentam-nos uma expressão maravilhosa: “morada de Deus”. O mundo pode ser esta morada de Deus e as empresas, e demais lugares de trabalho, também o podem ser. Utopia? Eu considero-a como um caminho realista. Muitos já o percorreram e, sem dúvida, a sociedade que desperta para justiça o exigirá de todos sem excepção. Trata-se de construir o mundo novo como “morada de Deus”.

É este o sentido da homenagem que hoje nos uniu: dar continuidade a projectos que nos conduzam a um bem comum e transfigurem a terra num espaço de concórdia e de fraternidade. O trabalho pode trazer proventos pessoais. Mas, quantos mais beneficiarem deles melhor fica o mundo. O comendador Manuel Gonçalves não se enriqueceu apenas a si. Pela sua entrega, desde pequeno, e particularmente quando ficou órfão de pai e de mãe, ofereceu bem-estar aos irmãos, à família e a muitos outros. Honremo-lo e imitemo-lo... sem desistir dos nossos sonhos e projectos.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*